



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 19 – Ano X – 05/2021
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTEGRADORAS E MULTIDIMENSIONAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA COM O GÊNERO ANÚNCIO PUBLICITÁRIO.

Prof. Ms. Michele Fernanda Picolo
Mestre em Letras - PROFLETRAS pela Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul – UEMS/Dourados
Docente da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul e do curso de
Pedagogia da Faculdade FINAN de Nova Andradina/MS, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/7405210624751176>
E-mail: michelepicolo@hotmail.com

Profª. Drª. Sandra Espíndola Macena
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil
Docente do Programa de Mestrado Profissional em Letras–PROFLETRAS, da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Coordenadora do projeto de
pesquisa “Apoio à Qualificação Docente: PROFLETRAS em Mato Grosso do Sul”
financiado com recurso da FUNDECT. Coordenadora do projeto de pesquisa
“Metodologias ativas na aprendizagem: protagonismo do aluno e amparo na Base
Nacional Comum Curricular”.
<http://lattes.cnpq.br/3280209365657088>
E-mail: sandraesp@uems.br

Profª. Drª. Neide Araujo Castilho Teno
Doutora em Educação - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil
Docente Sênior do Programa de Mestrado Profissional em Letras–PROFLETRAS, e
do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual de Mato
Grosso do Sul - UEMS. Coordenadora do projeto de Pesquisa “Memórias de
Professores: diálogos sobre o letramento e o ensino da língua portuguesa-EPATA
II”. Colaboradora do projeto de pesquisa “Apoio à Qualificação Docente:
PROFLETRAS em Mato Grosso do Sul” financiado com recurso da FUNDECT.
<http://lattes.cnpq.br/1973427459385412>
E-mail: cteno@uol.com.br

Resumo: Esse artigo surgiu a partir das ações realizadas em uma oficina de leitura, oriunda de um projeto de intervenção, desenvolvida numa escola pública no ensino fundamental com o gênero publicidade. O desenvolvimento das oficinas se deu na perspectiva do Paradigma Educacional Emergente (MORAES, 1997, 2004), no qual se concebe o ensino de forma multidimensional. Assim, o objetivo deste estudo foi apresentar uma proposta de trabalho em consonância com o paradigma educacional emergente em que se privilegie o ensino de forma integral. Visa-se a apreensão dos objetos de conhecimentos inseridos dentro das práticas de linguagem, eixos, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Selecionou-se um panfleto de publicidade em que se entrelaçavam as práticas de linguagem: oralidade, a leitura/escuta, a produção (escrita e multissemiótica) e Análise/Linguística/Semiótica (BRASIL, 2017), para constituir o corpus na elaboração das oficinas. Trata de um estudo de ordem bibliográfico que busca a reflexão acerca do ensino de língua portuguesa. Estudiosos como Batista (2012), Morin (2000; 2003), Antunes (2003), entre outros serviram de aporte teórico para o estudo.

Palavras-chave: Paradigma Educacional Emergente. Gêneros publicidade e propaganda. Ensino de Língua Portuguesa.

Introdução

No mundo atual, cada vez mais o quadro e o giz vão sendo substituídos pelas salas de tecnologias, escrita e leitura vão cedendo espaço a múltiplas linguagens e professor e aluno vão construindo novas formas de construir conhecimento em sala de aula com novas concepções, novas metodologias. O modelo em que as aulas de língua portuguesa são organizadas atualmente, os conteúdos pressupostos na Base Nacional Comum Curricular para o ensino fundamental, publicada em 2017, aponta para um ensino mais abrangendo e mais ampliado, levando em conta questões contextuais e experienciais nos quais os textos orais, escritos e semióticos são partes intrínsecas de seu estar no mundo.

Os objetos de conhecimentos tornam-se passíveis de compreensão a partir de sua interconectividade com as questões linguístico-gramaticais a partir de textos socialmente construídos e compartilhados. A metodologia utilizada partiu das novas concepções de ensino, citados por Moraes (1997, 2004) como Paradigma Educacional Emergente, que é baseada no princípio no qual o estudante constrói sua aprendizagem mediado pelo conhecimento do professor. Porém não existe um conceito oficial sobre essas metodologias, sendo que atualmente há vários modelos

conhecidos como metodologias ativas, multiletramentos, teoria da complexidade, teoria eco-sistêmica, teoria autopoietica, dentre outras que orientam os trabalhos na perspectiva do paradigma educacional emergente. Todas elas apontam para uma visão holística e interdisciplinar. As oficinas tomaram essas abordagens como embasadoras de seu desenvolvimento.

Juntando-se a essa abordagem holística, as oficinas também se utilizaram de uma abordagem enunciativo-discursiva. A atividade proposta se inicia com a apresentação de um cartaz do gênero publicidade incentivando o combate à Dengue. O cartaz se constitui a partir de linguagem verbal, não-verbal e semiótica em sua organização, num arranjo em que a textualidade se configura por meio de escolhas léxico-semânticas próprias do discurso publicitário: a utilização das cores, das figuras, dos boxes, das fontes das letras. Essa configuração obedece a um único objetivo que é alertar o leitor/expectador/ouvinte do perigo de deixar o mosquito solto. A argumentação construída no texto combinando recursos linguísticos e semióticos caminha para essa finalidade.

As oficinas levaram em consideração os conhecimentos prévios de Língua Portuguesa, relacionando-os aos conhecimentos novos. O trabalho foi desenvolvido de forma interdisciplinar demonstrando a relevância de se pensar numa educação integradora, que, além disso, agregue a teoria e a práxis. A hipótese que se coloca é a de que a partir dessa nova concepção de ensino consiga-se um melhor resultado com relação ao leitor proficiente e ao escritor que consiga se posicionar de forma competente, sobretudo a compreensão do aluno de que um texto é composto, constituído de vários aspectos da linguagem, como a oralidade, a semiótica as questões linguístico- gramaticais.

Aspectos Teóricos

O modelo de ensino atual está baseado num paradigma denominado tradicional¹, também conhecido como newtoniano/cartesiano e é a base do ensino nas escolas brasileiras, fruto de uma herança cultural que por longo tempo supriu e ainda supre as necessidades do sistema de ensino. Segundo Behrens & Oliari

¹ Entende-se como *tradicional* o modelo baseado na lógica racionalista de René Descartes na qual segue uma linha linear de pensamentos.

(2007), neste paradigma (cartesiano ou tradicional) os conteúdos são divididos por disciplinas e em blocos, trabalhando com a linearidade de pensamentos, o que por vezes, pode levar o estudante a ser um indivíduo pouco crítico e criativo.

O filósofo e historiador Thomas Kuhn (1997) foi um dos pioneiros em referenciar a palavra paradigma como modelos ou padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade, pois implica na estrutura e gera novas teorias, criando conceitos que regem o comportamento humano e todas as mudanças que ocorrem na sociedade. Desde então muitos estudiosos e pesquisadores tratam desse tema. Vasconcellos (2013), afirma que esse conceito tem sido amplamente usado para se referir às nossas metodologias, conseqüentemente nossa percepção do mundo.

Morin (2003) afirma que um paradigma impera sobre as mentes, porque institui os conceitos soberanos e sua relação lógica (disjunção, conjunção, implicação), que governam, ocultamente, as concepções e as teorias científicas, realizadas sob seu império. De qualquer forma a humanidade é movida a paradigmas que de forma circular ou espiral vem moldando a sociedade como algo diretivo. Desde a antiguidade, passando pela Grécia clássica, do Teocentrismo ao Antropocentrismo até chegar em Descartes e Newton no século XVII, que propunha a decomposição do pensamento e dos problemas em componentes e sua disposição dentro de uma ordem lógica, defendendo que os efeitos dependiam de suas causas, a humanidade assume esse ou aquele paradigma.

Com Descartes e Newton, o mundo era considerado uma máquina perfeita. Período em que a visão era de mundo - máquina, dando origem ao mecanismo caracterizando esse período como Revolução Científica (MORAES, 1997). Por causa desses estudiosos, esse período é conhecido como paradigma Cartesiano e paradigma Newtoniano. De acordo com Batista (2012):

[...] desde os estudos de Bacon, no século XVI até os estudos de Newton, no século XVII, isto é, há cerca de 400 anos, as pessoas são guiadas, controladas, regidas e governadas por um paradigma conhecido por newtoniano, cartesiano ou, como prefiro chamar, de newtoniano-cartesiano, tradicional ou simplificado. Lógico que, apesar de uma história de 400 anos, esse paradigma sofreu ao longo desses anos modificações, transformações, porém os conceitos epistemológicos do paradigma newtoniano-cartesiano do mundo ainda estão presentes em nosso agir, pensar e sentir (BATISTA, 2012, p.32).

Esse paradigma foi incorporado pelas fábricas na era industrial e foi adotado pelo sistema educacional. O ensino foi fragmentado e separado em partes para posteriormente se juntar numa totalidade. Não ocorreu. Permaneceram separados em partes, um dos resultados são os conteúdos divididos em disciplinas. Na disciplina de língua portuguesa, por exemplo, chega-se a fragmentar leitura, escrita e questões gramaticais sob forma de três disciplinas, como se para ler/produzir um texto não se precisasse dos outros aspectos da linguagem. Nas palavras de Morin (2000):

A supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto (MORIN, 2000, p.14)

Deste modo o discente passou a ser um espectador, no qual apenas era necessário copiar, memorizar e reproduzir conteúdo. Nesse paradigma conservador, a experiência de mundo do estudante não é levada em conta e nem sempre são levados a pensar, discutir e criar. Colocado em carteiras enfileiradas, esse aluno tem seu olhar voltado para a frente da sala, para o professor e sua habilidade no pensar, falar e agir são restringidas, restando a ele a cópia e a repetição do que o professor apresentou. Nos currículos lineares e reducionistas, divididos em diversas matérias, numa escola que divide os conteúdos em várias disciplinas sem proporcionar nenhuma conexão entre elas, o professor assume a função de transmissor do conhecimento e é considerado o “dono do saber” (MOSÉ, 2016; BEHRENS & OLIARI, 2007, p. 60).

Moraes (2004) defende que está em formação um novo modelo de educação que agrega algumas teorias, dentre elas, a teoria do pensamento complexo de Edgar Morin (2015) e a teoria Autopiética de Maturana e Varela (1995) que explicam a bio-psico-sociogênese do conhecimento humano (MORAES, 2004, p. 28). Para Moraes “a nossa realidade já não é unidimensional como o pensamento clássico afirmava, mas multidimensional”, logo deve-se compreender essa multidimensionalidade e abandonar a concepção de pensamento reducionista e fragmentado. Continua, a estudiosa, esclarecendo que essas teorias surgiram com a evolução da ciência e da tecnologia e com elas emergem “pressupostos e macroconceitos que nos ajudam na consolidação de uma nova epistemologia a ser

explorada pela ciência em geral, e pela área educacional em particular” (MORAES, 2004, p. 30).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tangencia essas várias teorias e seus macroconceitos ao sugerir nas suas entrelinhas o trabalho integrado nas práticas de linguagem e nos campos de atuação. O documento propõe o trabalho de língua portuguesa de forma a integrar a oralidade, a leitura/escuta, a produção (escrita e multissemiótica) e a análise linguística/semiótica a partir da centralidade do texto e de seus vários gêneros. Há, também, uma longa estrada de abordagens da área de ensino de língua portuguesa como os multiletramentos, a análise linguística, a própria linguística aplicada apontando para um caminho mais dialógico e interacionista, conforme pressupostos de Bakhtin.

A oficina – Dados e Discussão

As atividades na oficina foram realizadas em grupos. Essa forma de trabalho diferentemente da sala de aula tradicional faz com que o estudante se socialize e compartilhe o conhecimento. Concepções como a de Vygotsky (2001) demonstram que a aprendizagem, na sua grande maioria, é estabelecida nas relações sociais, nas rodas de conversa, nas trocas de experiências, coadunando esse novo paradigma de ensino às várias abordagens atuais. No trabalho em grupo, os alunos conseguem construir sua própria compreensão do conceito que será trabalhado, sendo isso possível somente pela interação texto x aluno x contexto x professor, numa abordagem interacionista e dialógica. Dessa forma, o aluno é levado a perceber que a escolha do gênero textual implica nas escolhas da sintaxe, da escolha léxico-semântica e pragmática para dar o direcionamento discursivo que se pretende, ligado às práticas de linguagem e à concepção de ensino.

O texto selecionado para a oficina foi um panfleto que fez parte de uma campanha publicitária contra a dengue, divulgada no Estado de Santa Catarina, no ano de 2008. A campanha foi criada para a Divisão de Vigilância Epidemiológica (DIVE) da Secretaria de Saúde do Estado em parceria com os estabelecimentos farmacêuticos. De posse do panfleto, os alunos tiveram o primeiro contato com o gênero, levantaram hipóteses, coletivamente trocaram impressões, discutindo, conjecturando, levantando ideias.

Figura 01– Anúncio publicitário sobre a Dengue



Fonte: Secretaria de Saúde do Estado de Santa Catarina (DIVE) <http://www.dive.sc.gov.br/>

As oficinas ocorreram de forma a integrar os objetos de conhecimento (conteúdos) às práticas de linguagem Leitura/Escuta, Oralidade, análise linguística/semiótica, e na produção (escrita e multissemiótica), de acordo com os princípios e pressupostos da BNCC. Numa das etapas os alunos em grupo foram apontando suas observações preliminares e após isso se juntaram à sala para a discussão maior sempre mediada pelo professor.

O pressuposto para esta etapa foi que os alunos conseguissem perceber de que gênero textual se tratava, estrutura textual, veículo/suporte no qual se insere, que tipo de estilo/escrita apresenta, as condições de produção e recepção do texto, a importância dos aspectos semióticos, as imagens, os blocos de escrita, as cores, questionando o porquê de suas escolhas. Esses objetos de conhecimentos estão inseridos no item *Leitura/Escuta* da Base (BRASIL, 2017). Na perspectiva dessa prática de linguagem que “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação”, ou seja, não apenas a leitura do texto escrito, mas também as “imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimentos (filmes, vídeos, etc.) e ao som (música)” que acompanham os textos” (BRASIL, 2017, p. 71/72).

Nessa etapa, o aluno teve a oportunidade relacionar o texto às suas condições de produção, recepção e circulação numa perspectiva sócio-histórica contextual. Conhecimentos prévios foram ativados para auxiliar na construção do(s) sentido(s) de maneira que compreendessem que essas várias linguagens, da escrita à imagética se arranjam para provocar determinado efeito de sentido e isso deve ser apreendido no momento da leitura. O conhecimento prévio é de grande relevância para o desenvolvimento leitor do estudante, como podemos perceber nas palavras de Kleiman (1995):

A ativação do conhecimento prévio é então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente (KLEIMAN, 1995, p.25).

Lazlo (1999 apud Moraes, 2004, p.35), discorre sobre o assunto fazendo uma relação entre vida e mente, como aportes necessários para compreender a complexidade, “mesmo tendo um harmonioso *design*. A vida implica em uma íntima rede de relações que traz consigo uma miríade de diversos elementos que interagem uns com os outros”. Ao trabalhar com textos e relacioná-los com os ambientes contextuais de vivência dos alunos, bem como ao ativar seu conhecimento prévio, a produção de sentido dos textos passa a ser construída de forma colaborativa entre os alunos e suas experiências vividas.

Figura 2 – Imagem do *Aedes Aegypti* presidiário



Fonte: Editado pela autora

Na sequência, propôs-se uma análise mais específica partindo de questões previamente elaboradas. A figura do mosquito no panfleto, um ser metade homem e metade mosquito, segurando uma plaquinha com sua identificação: *Aedes Aegypti*, tendo ao fundo um quadro marcando a altura do indivíduo para fotografá-lo como suspeito de crime aciona diversos níveis de compreensão e interpretação.

Japiassú (1996), orienta que “se pretendemos compreender o mundo é indispensável uma visão integral que coloque o observador em seu processo de observação”. Várias dimensões e aspectos culturais e sociais são responsáveis pela nossa visão de mundo, como partes integrantes de nossa realidade (MORAES, 2004, p. 36). No caso da imagem do panfleto, o sujeito *Aedes Aegypti* está sendo preso/fichado pela polícia, como podemos perceber na imagem pelas duas fotos, uma de frente e outra de perfil, momento característico do fichamento de qualquer criminoso detido pela polícia.

Trata-se de um sujeito cuja cabeça é de mosquito e o resto do corpo é de um ser humano. As referências a questões implícitas ou explícitas relacionado ao tema, personagem e recursos literários e semióticos, permite ao aluno uma leitura do todo, uma leitura que resgata conhecimentos prévios reconhecidos socialmente. Uma análise semiótica aponta para a junção de elementos que compõe um personagem fictício, mas real por meio da metamorfose do mosquito com o homem.

Santaella (1983) aponta a semiótica como uma ciência dos signos, uma vez que ela pode dar pistas de leitura por todas as linguagens, e não somente pela linguagem verbal ou não verbal. A semiótica para esta estudiosa é vista como qualquer fenômeno presente no sistema sócio de produção de sentido. Defende as ideias de Peirce (1995) quando aponta a gramática especulativa como parte importante da semiótica, como a "doutrina das condições gerais dos símbolos e outros signos que têm o caráter significante" (PEIRCE, 1995, p. 29).

A imagem do mosquito personificada (metamorfose) pode ser uma representação denominada por Peirce (1995) de interpretante *ad infinitum*, ou seja, o conjunto dos aspectos (signos) chega na mente do sujeito e cria reconhecimentos, que vai se expandindo por meio de um processo de semiose infinita ou auto geração.

A cabeça com a representatividade da parte pensante é de mosquito, no entanto os membros inferiores são retratados como humano, uma vez que veste terno e gravata, um signo convencionalmente representado como próprio do sexo masculino. Essa vestimenta não é qualquer vestimenta, ela pertence a um seletivo grupo de homens. Há que se ter um determinado poder aquisitivo para usá-lo. Retirado do universo mais seletivo e colocado na posição em que se situa para o registro policial, o traje causa certo estranhamento. O que se espera nesse contexto, tendo em vista o conhecimento cultural e social do nosso país, é que a pessoa fotografada seja de classe baixa e malvestida, nunca se espera que use terno e gravata. Essa é uma inferência possível por meio dos elementos explícitos na imagem central e sua relação com o entorno da figura, ou seja, os elementos linguísticos.

Os efeitos de sentido vão se construindo por meio de processos interativos e de forma colaborativa entre os elementos semióticos, linguísticos e socioculturais, como também, nas cores monocromáticas escolhidas, com exceção para os olhos do mosquito que são verdes, deixando bem claro tratar-se do *Aedes Aegypti*, o mosquito da dengue, já assim retratado em outras campanhas publicitárias. O fato da parte central da imagem estar escura pode levar a ideia de dificuldade, de sofrimento e de morte.

A formatação das imagens e sua sequenciação entram como elementos semióticos fundamentais na construção do sentido, uma vez que dialogam com questões socioculturais presentes na *psique* de qualquer pessoa inserida nesse contexto cultural. A distinção dessa proposta publicitária de outros gêneros jornalísticos ou de propaganda vão se tornando mais claros na medida em que o aluno vai identificando os recursos para informar, impactar e, sobretudo convencer o leitor a aderir à campanha contra a dengue. Moraes afirma que o aprendiz

[...] participa desse processo de construção do conhecimento com toda sua inteireza, com toda sua multidimensionalidade, ou seja, com todos os seus sentimentos, emoções e afetos. Enfim, ele participa com toda sua história de vida impregnada em sua corporeidade, em sua memória, e sem separa o mental do físico, a razão da emoção, o passado do presente e do futuro (MORAES, 2004, p. 41).

Nesta construção são ativados conhecimentos prévios acerca da linguagem metafórica, por meio de figuras de linguagem (objeto de conhecimento), como

auxiliares na elaboração do discurso persuasivo, próprio desse gênero textual, cuja foco está centrado no destinatário da mensagem, função conativa ou apelativa (objeto de conhecimento). A personificação, figura de linguagem também assegurando a proposta de persuadir o leitor vem fortemente associada no constructo da imagem mosquito/homem, claramente associando o crime de colarinho branco, sutil, sorrateiro que, assim como a dengue, passa despercebido pela sociedade e se não forem reconhecidos e combatidos “podem estar soltos pelas ruas”, causando severos danos à sociedade.

Essa interpretação só pode ser aventada na perspectiva do todo, ao conhecer o funcionamento sociocultural, a saber, questões culturais, pois a população precisa limpar seu terreno – mostrando respeito a sua vizinhança, se não cuida de seu quintal, o mosquito se prolifera no seu bairro e pode matar seu vizinho, logo há que se pensar nas outras pessoas; político/econômico – a doença sobrecarrega o sistema de saúde, conseqüentemente mais despesas para o município com medicamentos, leitos hospitalares, contratação de profissionais, etc., funcionários afastados para tratamento recebendo do erário e o mercado de trabalho tendo que contratar outro trabalhador; jurídico – o conhecimento do funcionamento do sistema jurídico e todos as suas ramificações, como investigação, inquérito, fichamento policial, crime do colarinho branco, etc., além de conhecimento corriqueiro de uma delegacia como o quadro em que o suspeito se posiciona para ser fichado criminalmente.

As informações estão imbricadas umas nas outras e no momento da leitura a configuração dos sentidos vão se desenhando na mente do leitor numa rede de entrelaçamentos. Quanto maior o número de informações mais associações são possíveis, mais sentidos vão sendo construídos.

A organização do texto associando imagem, cores e elementos linguísticos ajudam a compor o cenário para as inúmeras possibilidades de efeito de sentido, conforme o conhecimento prévio de cada leitor. Textos imagéticos estão presentes a todo o momento do nosso dia a dia. Contribuindo com essa afirmação Vieira (2004) descreve que:

A imagem impõe domínio próprio devido a sua relevância no mundo contemporâneo e, de certa forma, torna-se invasora da vida das pessoas, pois, mesmo quando não as queremos, as imagens invadem todos os

espaços de nossa vida de modo rápido e dominador. O que pretendemos dizer é que podemos ler ou não os textos escritos, mas dos textos imagéticos é mais difícil escaparmos de sua sedução, manifestada pelo tamanho da imagem, pelo movimento e pela cor e beleza. Um fato ou outro sempre atrairá o nosso olhar e nos aprisionará (VIEIRA, 2004, p.15).

Porém, para a interpretação de um texto imagético, o professor precisa estar subsidiado por muitos outros conhecimentos que darão apoio a sua mediação na orientação que vai incentivar o potencial e o desenvolvimento da capacidade cognitiva de seu aluno de forma natural. A oficina complementou as temáticas abordando de forma integrada as práticas de linguagem. Além das cores escuras e sombrias, que simbolizam a doença, o sofrimento e a morte, as marcas linguísticas na cor do enunciado do box, em vermelho, são usadas para representar o sangue e o perigo.

Figura 3 – Representação da análise da cor



Fonte: Editado pela autora

A associação das estratégias de leitura/escuta e da análise linguística e semiótica estão de tal forma imbricadas que é necessário separá-las num primeiro momento e juntá-las *a posteriori*. Na perspectiva da Análise Linguística/Semiótica, enquanto prática de linguagem desenhada na BNCC, o texto “ele já matou muita gente e pode estar solto nas ruas” do lado superior esquerdo no panfleto está acima da cabeça do mosquito/homem, em caixa alta, em cor vermelho forte dentro de um retângulo, posicionado de forma oblíqua, como se fosse um carimbo. Chama a atenção a centralidade do pequeno texto no pronome pessoal em 3ª pessoa do caso reto, que figura como sujeito gramatical, claramente uma postura referencial da linguagem.

Determinado na 3ª pessoa se refere, de forma dêitica apontando para a figura do mosquito/homem. Esse pronome se refere a um ser ambíguo: mosquito/homem, logo pode também ser uma pronominalização, no viés da linguística Textual, pois

pode se referir ao mosquito – dengue ou ao homem – criminoso, afinal apenas o homem pode passar pelo processo aludido na figura.

Aos alunos da oficina cabiam reconhecer o emprego, o arranjo e as relações semântico-sintáticas das palavras e suas respectivas possibilidades de sentido(s), reconhecendo a relevância da escolha lexical para produzir determinado efeito semântico. A relação da escrita com a imagem torna-se imprescindível para a construção do sentido global do texto. A quem se refere o pronome de terceira pessoa “ele” no texto do anúncio publicitário? A resposta só seria possível se o aluno observasse o todo do texto: a escrita, as cores, a imagem, a disposição de ambos no espaço do anúncio.

Após essa intervenção mais global, os alunos investigaram de forma mais aprofundada, os objetos de conhecimento necessárias para essa leitura: elementos da comunicação e funções da linguagem, sobretudo a função apelativa (sua função no texto publicitário), ambiguidade da figura, questões modais do verbo (pode estar), a assertividade do imperativo no pretérito perfeito (matou), a relevância do advérbio (já), assim como o adjetivo solto (em oposição preso – numa associação a criminoso que deveria estar preso). São questões que se associam no intuito de organizar as relações de sentido.

Essa concepção de ensino altera as metodologias em sala de aula, pois embora tenha havido um grande avanço dos estudos linguísticos nas últimas décadas, o ensino da gramática esteve desvinculado da sua aplicação no texto. Percebe-se ainda nos dias de hoje, o ensino da língua portuguesa está atrelado a prática de exercícios tradicionais, mesmo compreendendo a necessidade de trabalhá-la de modo reflexivo e crítico. Antunes (2003), defende que o ensino que está voltado apenas à gramática, pode-se dizer que é o ensino de:

uma gramática da irrelevância, com primazia em questões sem importância para a competência comunicativa dos falantes. A este propósito, valia a pena perguntar-se qual a competência comunicativa que há em distinguir um adjunto adnominal de um complemento nominal. Ou, ainda, em reconhecer as diferentes funções do QUE ou do SE, coisas com as quais muito tempo de aula ainda é desperdiçado (ANTUNES, 2003, p. 31).

A autora complementa que a escola ensina uma gramática descontextualizada, sem função determinada, desvinculada do emprego real da língua escrita ou falada na comunicação. O Ensino é baseado em classificação e em

normas gramaticais totalmente desvinculado do texto, ou seja, “é uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função; frases feitas para servir de lição, para virar exercício” (ANTUNES, 2003, p. 31).

Já na perspectiva do Paradigma Educacional Emergente (com suas várias frentes, citando os multiletramentos e as metodologias ativas para ilustrar), o professor integra a gramática no contexto geral do trabalho. Nas oficinas utilizou-se o gênero campanha e anúncio publicitário com diversas atividades nas quatro práticas de linguagem propostos pela BNCC como um todo. Os sentidos foram sendo construídos a partir dos índices gramaticais e imagéticos no viés da análise linguística/semiótica e também integrando as demais práticas.

Para Bortoni-Ricardo (*et al.*, 2010), o professor, à medida que vai lendo o texto junto com o aluno faz uma pausa, dá a palavra ao estudante, constrói significados possíveis, volta ao texto. No modelo anterior, o professor dividia os estudantes normalmente em duplas, eles respondem às questões no caderno e em seguida corrige-as oralmente com base nas respostas do livro, nem sempre se levava em conta a opinião do estudante ou seu conhecimento de mundo.

Nessa nova proposta, o estudante é instigado a refletir sobre o tema proposto, como no caso da análise do anúncio terão que associá-lo ao seu meio social, considerando as opiniões, ideias e valores sociais vigentes, enfim, a junção do conhecimento linguístico, semiótico e sociocultural para compor os sentidos do texto. Essa forma colaborativa é mais instigante para o adolescente que também se encontra em contestação consigo mesmo e com o mundo que o rodeia. Nas palavras de Barbosa e Moura (2013):

o aluno interage com o assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor. Em um ambiente de aprendizagem ativa, o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento (BARBOSA & MOURA, 2013, p.55).

Esse posicionamento propõe ao aluno uma formação integral. Ao ler os textos de forma colaborativa, atribuindo sentidos por meio da combinação de elementos verbais e semióticos, se reconhece que “as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e

multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (BRASIL, 2017, p. 68).

Portanto, para que haja aprendizagem significativa compete ao professor criar atividades que desenvolvam o conhecimento, para que eles possam internalizar as informações aprendidas de modo que se tornem significativas, proporcionando a assimilação do conteúdo de forma integradora. Conseqüentemente o professor fará com que o estudante desenvolva suas próprias estratégias para a aprendizagem. De acordo com Moreira (2014) “as atividades/estratégias de ensino são definidas como situações variadas, criadas pelo educador para oportunizar aos educandos a interação com o conhecimento” (MOREIRA, 2014, p.19).

A intenção da oficina foi utilizar uma nova metodologia, que abrange o todo, incluindo os conteúdos de oralidade, práticas de leitura, produção textual, e análise e reflexão sobre a língua no decorrer das atividades, não focando cada conteúdo de uma única vez, mas fazendo com que percebam que todos os conteúdos estejam unidos para dar sentido ao texto. Ao final, os alunos tiveram como atividade escrita a realização de um texto publicitário para que coloquem em prática seu aprendizado.

Considerações Finais

Por muito tempo a escola teve como principal papel formar indivíduos condicionados a pensar de forma desvinculada da realidade, tendo a educação formal como um fim em si mesmo. Hoje, com as propostas do que Moraes (2004) denominou Paradigma Educacional Emergente, e as várias teorias que o englobam, postula-se um viés mais integrador e colaborativo da construção do conhecimento.

A escola deve acompanhar as demandas de um novo aluno. Interconectado com as tecnologias e com rápido e fácil acesso à informação, o aluno do século XXI constrói seu conhecimento de forma diferenciada de eras anteriores.

Ao realizar este estudo, cujo o objetivo é apresentar uma proposta de trabalho em consonância com o paradigma educacional emergente em que se privilegie o ensino de forma integral, inter/multidisciplinar e interconectando as partes com o todo, almeja-se proporcionar ao estudante um ambiente educacional no qual possam usar os instrumentos que já possuem de forma integral e não de forma estanque.

Referências

ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. de. *Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica*. B. Tec. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.

BATISTA, Luis Otávio. *Tecendo Teias Complexas em um curso Online para futuros professores de Inglês*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP, 2012

BEHRENS, Marilda Aparecida; OLIARI, Anadir Luiza Thomé. “A Evolução Dos Paradigmas Na Educação: Do Pensamento Científico Tradicional A Complexidade”. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007

BORTONI-RICARDO, Stella Maris, MACHADO, Veruska Ribeiro, CASTANHEIRA, Salete Flores. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2010

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental.

_____, *Base Nacional Comum Curricular*, Brasília: MEC/SEB, 2017b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em 02/02/2021.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida - uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 14. ed. Campinas: Pontes Editores, 1995.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

JAPIASSÚ, H. *A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional*. São Paulo: Letras e Letras, 1996.

LAZLO, E. *Conexão cósmica*. Petrópolis(RJ): Editora Vozes, 1999.

MATURANA, H. & VARELA, F. *A árvore do conhecimento*. Campinas(SP): Editora Psy, 1995.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. São Paulo: Papyrus, 1997.

_____, Maria Cândida. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

MOREIRA, Ana Elisa da Costa. *Relações entre as estratégias de ensino do professor, com as estratégias de aprendizagem e a motivação para aprender de alunos do ensino fundamental 1* – Londrina, 2014.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

_____, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. - 8 a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad.: Eliane Lisboa, 5ª ed., Porto Alegre(RS): Editora Sulina, 2015

MOSÉ, Viviane. *O que a escola deveria aprender antes de ensinar*. Fonte: CPFL Cultura (2016) https://www.youtube.com/watch?v=EigUj_d5n80&ab_channel=PPD – acessado em 15/02/2021.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos)

ROJO, R. H. R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

THIOLLENT, M. *Metodologia de pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. 10 ed. rev. e atual. – Campinas, SP: Papyrus, 2013.

VIEIRA, Josenia A. *Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica*. Brasília: 2004.

VYGOTSKY, L.S. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Processo de Avaliação por Pares: (Blind Review)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2021

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424